

CIES e-WORKING PAPER N° 21/2007

Pelas ruas da cidade: a prostituição na Baixa Lisboeta

JOANA CORREIA DOS SANTOS

CIES e-Working Papers (ISSN 1647-0893)

Av. das Forças Armadas, Edifício ISCTE, 1649-026 LISBOA, PORTUGAL, cies@iscte.pt

Joana Correia dos Santos é licenciada em Sociologia pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE). Actualmente é investigadora no ISCTE e colabora regularmente com o CIES-ISCTE. Tem particular interesse pelo estudo das desigualdades sociais; família, género e sexualidade. E-mail: joana.santos@iscte.pt

Resumo

Este trabalho surge de um estudo sobre prostituição feminina, realizado em 2004, que propôs compreender a teia de relações em que a prática de sexo pago se desenrola e a apreensão das características das mulheres que povoam um espaço concreto. Dadas as especificidades desta realidade social impôs-se como necessidade a delimitação de uma estratégia que facilitasse a aproximação a um espaço de prostituição. Neste sentido, pensou-se que a observação (instrumento metodológico central) possibilitaria o contacto com o quotidiano das mulheres e o estabelecimento de relações com as mesmas. Uma vez que toda a incursão no terreno se revelou um desafio estimulante acabou-se por ambicionar caracterizar uma zona de prostituição. Ora, nas seguintes páginas para além de se descrever e sistematizar todo o trabalho de pesquisa realizado ao longo dos seis meses num quarteirão da Baixa-lisboeta, procurar-se-á dar conta das inúmeras resistências e obstáculos que o investigador enfrentou neste contexto “obscuro”, mergulhado em enigmas e tamanha complexidade.

Palavras-Chave: prostituição feminina; prostituição de rua; pesquisa de terreno; observação.

Abstract

This paper is the result of a study on female prostitution, carried out in 2004, which sought to understand the web of relationships in which paid sex takes place and to apprehend the characteristics of the women who occupy a particular space. In the light of the specificities of this social situation, it was necessary to draft a strategy that would facilitate the approach to an area of prostitution. For this reason, it was considered that observation (the central methodological instrument) would allow the establishment of a relationship with the women and contact with their day-to-day lives. Since the whole incursion on the field proved a stimulating challenge, this ultimately led to the ambition to characterize an area of prostitution. The following pages not only describe and systematize all the research work carried out over six months in one of the blocks of downtown Lisbon but also endeavour to give an account of the countless obstacles and immense resistance that the researcher confronted in this “dark” context, immersed in enigmas and such great complexity.

Key Words: female prostitution; street prostitution; field research; observation.

A PESQUISA DE TERRENO NA ANÁLISE DA REALIDADE SOCIAL

Não obstante as transmutações que atingiram a cidade de Lisboa ao longo do seu processo evolutivo, continuamos a encontrar espaços onde a prostituição tende a persistir. Na literatura histórica estes espaços surgem comumente associados a “ruas sujas”, “meios sórdidos”, potenciando o crescimento da pobreza e instabilidade social e económica¹. Estes podem ser situados em zonas mais centrais ou periféricas da extensão metropolitana. Têm características peculiares, códigos e linguagens próprias, revelando quotidianos de indivíduos cujos corpos constituem os principais instrumentos para a obtenção de recursos económicos.

Este *working paper* surge precisamente da realização de um estudo² que propôs compreender a teia de relações em que a prostituição se desenrola e apreender as características das mulheres que povoam um espaço concreto. Através da perspectiva do quotidiano procurou-se conhecer esta realidade social que se apresenta *a priori* ao investigador como “ambiciosa” e de “difícil” acesso dadas as suas particularidades. A incursão no terreno tinha, portanto, como objectivos observar o quotidiano das mulheres e estabelecer relações com as mesmas, a fim de poder realizar entrevistas. Inicialmente, a observação constituía apenas uma estratégia para a aproximação e contacto com as potenciais entrevistadas. Com o passar dos dias, todo o trabalho revelou-se de tal forma estimulante que acabou por desenhar uma nova componente no estudo: a caracterização de uma zona de prostituição.

Por se pretender observar os indivíduos, acompanhar as suas rotinas diárias e captar as suas perspectivas, a observação afigurou-se como um instrumento fundamental para a concretização do proposto (Guasch, 1997: 35). Para além da inserção no grupo que se pretendia analisar, possibilitando uma

¹ Contributo relevante sobre este propósito é a obra de Santos Cruz que apresenta no seu estudo à prostituição na cidade de Lisboa (documento que fortificou o regulamentarismo), a tipificação das mulheres segundo uma estratificação rígida que as organizava no espaço. Por sua vez, destacam-se outros autores que se dedicaram à análise da prostituição como, por exemplo, Francisco Câncio – que identificou o século XVIII como um período de aumento da prática prostitucional, principalmente após o terramoto de 1755, dado o estado de deterioração e fragilidade económica – e, mais tarde, Tovar de Lemos, director do Dispensário de Higiene Social de Lisboa – que procurou contabilizar o número de mulheres prostitutas, as condições em que a prática era concretizada, alterações no contexto de prostituição e algumas especificidades que cobria o teor da prostituição em Lisboa.

² Santos, Joana Correia dos (2004), *Mulheres de Todos...Mulheres de Ninguém – O Submundo da Prostituição Feminina em Contexto de Rua*, dissertação de licenciatura em Sociologia, Lisboa, ISCTE.

análise mais abrangente e profunda (Almeida e Pinto, 1975: 97), esta técnica de carácter intensivo facultou relativa flexibilidade na utilização dos procedimentos do estudo permitindo, assim, a adequação às múltiplas realidades interaccionantes que se foram revelando. No entanto, deve-se sublinhar o esforço que foi tido em conta por parte do investigador para a neutralização de todos os “positivismos etnocêntricos”, ideológicos ou epistemológicos (Pais, 2002: 153). Uma tarefa nem sempre fácil dada a pretensão de analisar contextos “desconhecidos”, distantes e não familiares.

Outro dos aspectos que distingue a prática da construção social através do quotidiano, e que será perceptível ao longo do texto exposto, é o facto de haver um distanciamento de quadros conceptuais e conjunto de hipóteses rígidas dirigindo o seu interesse para a mostraçãõ do social. O quotidiano perspectivado como uma “rota de conhecimento” (Pais, 2002: 32). Certamente, todo este processo conta com resistências e obstáculos que obrigam à adaptação constante à aproximação de contextos “obscuros”, mergulhados em enigmas e especificidades tão complexas. As seguintes páginas pretendem, assim, descrever e sistematizar todo o trabalho de pesquisa realizado ao longo de seis meses (Fevereiro a Julho de 2004) numa zona de actuação de Lisboa. Esta incursão no terreno escolheu como “palco” de observação a zona da Baixa lisboeta. Zona central, situada no centro histórico, que cruza a forte tradição comercial, turística, com os pontos de espera de mulheres que encostadas às esquinas das estreitas ruas aguardam os clientes que procuram sexo pago³.

DEFINIÇÕES, OBSTÁCULOS E RESISTÊNCIAS

Ao propor observar um espaço físico e social, traçou-se inicialmente uma matriz que visava orientar os focos de análise. Por um lado, ambicionava-se caracterizar a prostituição praticada no contexto seleccionado, interessava, igualmente, caracterizar as mulheres prostitutas e recolher informação sobre as práticas, motivações e relações que suportam as suas experiências de vida, por

³ Sobre a distribuição e organização da prostituição na cidade de Lisboa ver: Santos, Joana Correia dos (2005), “A prostituição na Cidade de Lisboa”, in *Quem levou o meu Ser? – Mulheres de Rua*, Lisboa, CML/ Divisão de Imprensa Municipal.

último, observar as vivências que preenchem e organizam os seus quotidianos (clientes, proxenetas, entre as próprias mulheres).

A informação recolhida foi tratada e registada regularmente num *diário de campo*, essencial para dar conta da relação do observador com o meio e o relato das jornadas da incursão no terreno (Peretz, 2000: 125). As notas escritas dependeram da percepção e da relação com o espaço, sublinhando “recortes” da realidade analisada, escritas num molde descritivo, que listava as dificuldades, conflitos, receios, reacções e sentimentos sentidos (Spradley, 1980: 71).

Segundo algumas perspectivas, no terreno o observador pode fazer uso de três formas de comportamento que são indissociáveis: interacção social na unidade social em estudo, as actividades de observação e, por fim, o registo dos dados observados (Peretz, 2000: 73). Os processos da observação e da recolha de informação podem ser executados através de estratégias que auxiliem todo o procedimento e que consecutivamente orientem o investigador no terreno. Este pode, igualmente, obter respostas através de conversas informais estabelecidas com “informantes privilegiados” por estes terem lugares de influência na realidade que pretende observar (Costa, 1986: 138). No entanto, não deve ser menosprezado o facto de estes possuírem uma visão particular sobre a realidade, implicando, por isso, extremo cuidado na criação de relações com os informantes. Ora, a gestão da interacção, é uma estratégia fundamental no processo de “confiança” com os outros, mas o investigador deverá ser perspicaz com as relações que estabelece (Burguess, 2001: 100). De facto, erróneo seria pensar que esta técnica se encontra isenta de subjectividade, uma vez que a pertença a grupos sociais poderá implicar envolvimento afectivo, enviesando a análise produzida pelo investigador (Almeida e Pinto, 1975: 98).

Tendo em conta a complexidade do processo de observação e a exigência da sua sistematização, foi realizado um guião que visava orientar algumas das operações consideradas fundamentais na aplicação deste instrumento. No entanto, sublinhe-se que este não é exaustivo nem inflexível dadas as especificidades da própria observação.

Figura. 1 – Principais Etapas da Realização da Observação⁴

1. Caracterização do espaço a observar	Dimensão aproximada do espaço; características gerais; número de mulheres diariamente na rua; número de preservativos distribuídos; características das prostitutas; relacionamento das mulheres com as outras prostitutas, com residentes e comerciantes; presença de policiamento.
2. Integração no espaço	Definição do papel do observador e sua redefinição; desempenho do papel no espaço; observar a intervenção e abordagem da equipa de rua.
3. Adaptação no espaço	Apresentação do observador no espaço (indumentária) e linguagem a utilizar; estabelecimento de um período para a observação; traçar estratégias para estabelecer relações com as mulheres; traçar estratégias de defesa do observador (feminino) num contexto de observação.
4. Desenvolvimento das relações	Observar o diálogo estabelecido entre a equipa e as prostitutas; potenciar a aproximação com as mulheres evitando relações exclusivas; ganhar “confiança” com as mulheres.
5. Recolha de dados	Estabelecer um momento para tirar notas; descrição de acontecimentos mais relevantes ou que despertem maior atenção do observador; contar frequência de indivíduos e determinados acontecimentos; definição de situações; anotação de excertos de diálogos; conversas informais com as mulheres.
6. Redacção das notas	Elaboração de um diário de campo.
7. Apresentação dos resultados	

Neste estudo a integração numa equipa de rua⁵ constituiu uma estratégia fundamental. O horário de trabalho da intervenção e, simultaneamente, de incursão no terreno, era realizado às terças, quartas e quintas feiras das 18 às 21 horas, período que permitia o contacto com mulheres que permanecem nas ruas durante o dia e noite.

A equipa reunia por norma numa das arestas do “quarteirão” analisado – a oposta à que abriga as mulheres – para evitar situações desconfortáveis para os elementos femininos que a constituía. Pelo facto de ser uma zona de Lisboa com forte índice de prostituição, o estar “parado” nas esquinas ou, até mesmo, no meio do passeio era potenciador de situações constrangedoras. Inicialmente, o observador enquanto aguardava pela equipa esperava num local mais distante.

⁴ Sobre este assunto ver: Peretz, Henri (2000), *Métodos em Sociologia*, Lisboa, Temas e Debates, p. 73-75 e *Aproximación a la Realidad de la Prostitución Femenina en la Provincia de Salamanca* (2001), Salamanca, Edis – Equipo de Investigación Sociológica, p. 109-110.

⁵ Para a concretização deste estudo contou-se com o apoio das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor que possibilitaram a inserção em “equipas de rua”, constituídas por técnicos, com formações diversas, que trabalham directamente com indivíduos que se prostituem em diferentes zonas da cidade de Lisboa.

Posteriormente, com já relativa familiarização com o espaço, optou por aguardar numa paragem de autocarros que permitia dissimular o seu papel. Assim, neste local era “apenas” um indivíduo que aguardava um meio de transporte. Esta situação permitiu estar mais perto do contexto das mulheres, podendo, abrigado pela paragem, observá-las sem por elas ser notado. Por outro lado, possibilitava visionar os fluxos de movimentação dos homens que ladeavam as ruas de forma hesitante e as relações que as prostitutas estabeleciam.

Como o trabalho da equipa era realizado a pé em torno do “quarteirão” foram necessários alguns cuidados, tais como, o uso de sapatos confortáveis, roupas discretas, mala ligeiramente vazia – para o transporte dos preservativos –, o uso do Bilhete de Identidade e de uma declaração (facultada pela Câmara Municipal de Lisboa) que identificava a equipa como integrada num projecto de intervenção na área da prostituição. Este documento era imperativo dados os riscos de intervenção policial (“rusga”). É de mencionar que a equipa de rua não possuía qualquer elemento físico que a distinguisse (acessório, peças de vestiário, documento à vista, etc), pois receavam o afastamento e resistência à abordagem por parte das mulheres. Se a equipa tivesse um elemento de identificação as mulheres seriam facilmente reconhecidas como prostitutas pelos indivíduos que atravessam as ruas do “quarteirão”.

Outra imposição da observação participante foi a necessidade de definir de um papel por parte do investigador. Desde logo, ficou acordado com a equipa que o observador às mulheres seria apresentado como “técnico”⁶ (tal como eles) e que a sua intencionalidade não deveria ser revelada na fase inicial, pois poderia constituir um obstáculo à sua aceitação no terreno. Ora, apesar desta construção poder sofrer alterações ao longo do percurso, foi tido em consideração que a sua identidade podia ditar as direcções e contornos da investigação bem como os terrenos permitidos e os interditos (Costa, 1986: 145).

O próprio facto de ser catalogado como “técnico de uma equipa que combate a prostituição” já *per si* poderia provocar o distanciamento das mulheres, pois o conjunto de tipificações (que compreende a vida quotidiana) pode, em vários momentos constituir um obstáculo à consolidação de interacção nas situações de “frente a frente”, bem como na recolha de informação (Berger e Luckmann, 1999: 41). O facto de ser reconhecido como “técnico” poderia ser sinónimo de indivíduo que exerce pressão para o abandono da prática. Um

esforço tinha, assim, que ser feito na imposição do papel do investigador, bem como no cuidado preciso que envolvia o seu questionamento e curiosidades. A interação “frente a frente” tinha que fluir como uma “negociação” e procurar evitar causar conflito.

Para além da definição de um papel, também, as suas características pessoais podem condicionar os diferentes aspectos da pesquisa, constituindo vantagens ou obstáculos no terreno (Burguess, 2001, 92-100). Na realização deste estudo, a idade e o sexo foram dois elementos que condicionaram o processo inicial da recolha de informação. O facto do observador ser uma mulher num contexto de prostituição de rua conduziu a uma situação ambígua: em primeiro lugar, se bem que é uma característica que facilitou em alguns casos a aproximação dado o sexo da protagonista (também ela ser mulher), num segundo momento, exerceu um efeito de retraimento, pois frequentemente as prostitutas sentem-se alvo constante dos olhares discriminatórios, principalmente, por parte do universo feminino. Logo, o sexo do investigador encerrava em si este papel dicotómico: a cumplicidade e a repulsa.

Poder-se-ia facilmente referir que esta dissemelhança de reacções dependeu das diferenças da faixa etária das prostitutas. Desta forma, seria mais fácil compreender que sendo o investigador mais jovem, facilitaria o contacto com as mulheres novas e que, por outro lado, corria o risco de ser apreendido com algum descrédito perante as prostitutas mais velhas. Deve ressaltar-se, no entanto, que esta visão não foi tão linear. Para além do olhar das mulheres, vários foram os factores que influenciaram a abordagem, nomeadamente, a relação que tinham com a equipa, o próprio contacto com a instituição, primeiras impressões sobre a presença do observador, entre outros. De imediato, foi notado que a receptividade constituía o conceito basilar da construção das relações. Este efeito foi sentido a dois níveis: em primeiro lugar, face às prostitutas, (população alvo), em segundo, a cooperação numa equipa de intervenção (estratégia de aproximação). Integrar numa equipa foi, assim, um passo gigante que mediou o exterior com o interior de uma realidade social tão distinta como a prostituição, principalmente para quem não conhece os códigos de um meio estranho; para quem tudo é novo; para quem tudo é questionável.

OS PRIMEIROS “PASSOS” NO TERRENO

O primeiro dia no terreno foi sentido como um momento de pleno nervosismo. O observador levava uma lista estruturada de questões que pretendia desvendar. Decerto uma suposição inocente, pois nas primeiras passeatas as incertezas aumentaram. Muito havia para observar. Mas esta observação só foi tomando molde com o decorrer do tempo, gradualmente, e através da consecutiva permanência no terreno.

Uma estratégia desenvolvida foi a de estabelecer um período, simplesmente para escutar o teor do diálogo entre as mulheres e a equipa. Em momentos considerados oportunos, iniciou-se a participação nas conversas por meio de afirmações lacónicas (declarações breves, frases curtas, que afirmassem a presença do observador na abordagem com as mulheres, mas que não possibilitem um desenvolvimento aprofundado do diálogo). Este foi um momento progressivo que requereu minuciosidade uma vez que era enfrentado um mundo “desconhecido”.

A relação de confiança que a equipa mantinha com as mulheres facilitou a aproximação. Constatou-se que es dialogava com as prostitutas sobre alguns assuntos pessoais, nomeadamente, questões familiares (situação escolar dos filhos; sobre os pais; companheiros, etc.); actividades diárias na instituição (sentimentos expressos: dificuldades, alegrias, críticas, etc.); pedido de informações sobre apoio social e jurídico; conflitos diários vividos na rua (entre as mulheres; rugas policiais; violência; redes de tráfico); ou lamentações face à diminuta procura sexual.⁷

Os primeiros olhares das mulheres sobre a presença do observador foram de desconfiança. O relance com o olhar de soslaio foi um acto natural e que não disfarçado. Os poucos sorrisos, ou pelo contrário, os largos sorrisos, constituíram, também, reacções frequentes à sua apresentação.

A fim de facilitar a caracterização da respectiva zona foi introduzido o conceito de “quarteirão” que traduzia todo o espaço físico no qual se experienciaram situações visíveis de comercialização do corpo. Tal como o nome

⁷ A lamentação pelo número de “visitas” realizadas num dia era um tópico de assunto constante entre a equipa e o conjunto das mulheres. Um menos falado era o número preciso de clientes que atendiam diariamente.

indica, o posicionamento das protagonistas ladeava todo o quarteirão integrado num espaço da cidade de Lisboa.

O trabalho no terreno iniciava sempre numa das suas esquinas e a equipa realizava num dia duas voltas ao “quarteirão”. Este é um espaço que se reveste de uma grande aglomeração de estabelecimentos comerciais, destacando-se quatro pensões, um hotel, cafés, prontos-a-vestir, mercearias, entre outros. É uma zona com uma dimensão reduzida que a cada três metros conta com um rosto diferente.

O processo de relação entre a equipa e as protagonistas era simples, assim que a avistavam ou iam ao seu encontro ou aguardavam a sua aproximação. O tempo de conversa com cada mulher não era estipulado Dependia largamente do fluxo de movimentação dos indivíduos nas ruas, dos homens que a circundavam e, principalmente, dos que as observavam.

Neste estudo foram, ainda, perceptíveis as vantagens da organização de uma equipa mista (Burguess, 2001: 96-99) como forma de evitar potenciais constrangimentos para os elementos femininos. Por outro lado, a presença de mulheres na equipa tornava-se um elemento profícuo dado o desejo manifestado de algumas prostitutas em abordar assuntos mais íntimos procurando, assim, a “cumplicidade feminina” (por exemplo, falar sobre a sexualidade, violência por parte dos companheiros, abordar questões que se prendem com a higiene diária e suspeitas de infecções, entre outros assuntos).

Inicialmente o observador procurava não se distanciar dos elementos da equipa, pois para além da pouca confiança e instabilidade na reacção das mulheres face à sua presença, acrescentava-se o facto de estar inserido num contexto de prostituição. Também, alguns desses receios foram com o tempo ultrapassados, devendo-se sublinhar o papel de protecção das mulheres que, quando viam insinuação por parte dos homens, resguardavam o observador. Posteriormente, quando começou a existir maior proximidade com as prostitutas, este enquanto dialogava com elas colocava-se de costas para os sujeitos que passavam nas ruas.

A PROSTITUIÇÃO NO “QUARTEIRÃO”

As prostitutas do “quarteirão” são rostos que se fundem no meio da multidão, sendo estranhos para muitos na “hora de ponta”, mas para outros

demarcam e apropriam um espaço de forma organizada: o passeio. Algumas encontravam-se em pé, outras sentadas em caixas de cartão, ou nas esquinas. As esquinas eram, no entanto, os locais eleitos para a angariação de clientes (“talvez” porque mais próximas do cruzamento das ruas que ladeiam o “quarteirão” são mais facilmente notadas pelos clientes masculinos). Quando existia uma fraca movimentação, as mulheres preferiam vaguear pelas ruas.

Foi possível observar que a comercialização do corpo era realizada nos vários tempos do dia – manhã, tarde e noite – sendo este tempo organizado de acordo com a gestão do quotidiano das mulheres. Algumas prostituem-se apenas umas horas do dia, mas outras encaram o tempo que permanecem na rua como um horário corrente de um trabalho laboral. Em qualquer uma destas duas situações, o horário na rua é regulado pelas tarefas domésticas, pelo período das refeições ou pela necessidade mais urgente de dinheiro. Outras visionam, ainda, a prostituição como uma prática não regular.

De facto, este espaço descreveu duas situações distintas de sexo pago: como prática permanente ou como uma prática “casual”. Permanente porque continuada no espaço e no tempo. “Casual” porque é um recurso em determinadas alturas em que se pretende aumentar o orçamento familiar.

No terreno contactou-se aproximadamente com 70 mulheres. Algumas confidenciaram que a opção pela prostituição na zona da Baixa lisboeta deveu-se a uma escolha individual, pois as demais zonas de Lisboa estão saturadas e “podres”.

A adesão a um grupo é uma prática que sobressai dos seus quotidianos. Estes são agrupamentos de pequenas dimensões, distintos, com características próprias, que para além de organizados segundo alguns critérios (por exemplo, a nacionalidade, idade, etnia, etc.), regulam determinadas interacções, reorganizando os papéis e identidades na conexão do grupo. Foi possível constatar que estes referentes identitários contribuem para os sentimentos de integração, pois as mulheres reconhecem-se nessa imagem e a par sentem que são reconhecidos pelos outros constituintes (Sebastião, 1998: 68-69).

O grupo pode, assim, desempenhar determinadas funções, mas a busca pela protecção e o desenhar estratégias para cativar clientes são sentimentos partilhados no geral. Estes, como tantos outros, podem ter um “líder” ou “líderes”, desempenhando funções relevantes na coesão do grupo (Castro, 1997: 83). Esta distinção pode derivar de uma bateria de elementos, tais como, condições físicas,

experiência, por serem consideradas mais “espertas” ou com melhor poder de argumentação, pela duração mais longa na prostituição ou na zona de actuação, etc.

Foram identificados dois grandes grupos: as mulheres “portuguesas” e as mulheres “imigrantes”. No entanto, dentro de cada uma destas categorias, sobressaem algumas particularidades. Por exemplo, dentro do grupo das mulheres “portuguesas” é preponderante o facto de permanecer há mais anos nas ruas e na zona em questão (o grupo das “antigas”).

Por sua vez, também nas mulheres imigrantes foi verificada a existência dois sub-conjuntos: as “africanas” e as provenientes “dos países de leste”. Os limites das zonas apropriadas pelo grupo restringem a actuação, e constituem um elemento estipulado pelas próprias mulheres. As mulheres têm um espaço próprio, “seu”, onde exercem as suas políticas e imposições.

IMIGRAÇÃO: AS MULHERES DOS PAÍSES DE LESTE E AS “AFRICANAS”

Os países empobrecidos e periféricos do sul e do leste são fortes estações de partida de mulheres e de menores, representando, estes conjuntos, verdadeiras “matérias-primas” que saciam as indústrias e mercados do sexo. O clima de ameaça é instalado e dada a fragilidade emocional e a vulnerabilidade socio-económica e, por vezes, jurídica das prostitutas, torna difícil provar a coerção exercida pelos proxenetas que lideram a rede de tráfico, nos países de chegada, precisamente por que muitos são organizações anónimas que encenam e actuam, as ligações e relações, nos “bastidores” (Silva, 1998: 239). Um outro factor destacado reporta às condições económicas da mulher prostituta, pois mesmo, por vezes, não sendo forçadas, elas são psicossocialmente condicionadas, dependentes e “mercantilizadas”. Paradoxalmente, alguns autores sublinham a proeminência da investigação e da intervenção na questão da prostituição imigrante. Acções que possibilitem o estudo das características deste fenómeno de forma a produzir conhecimentos que suportem intervenções adequadas a esta realidade não só a nível da intervenção junto desta população, como consequentemente introduzir alterações a nível da legislação em Portugal (Manita e Oliveira, 2002: 102).

Apesar das mulheres imigrantes serem geralmente encerradas em casas particulares, pela necessidade de ocultação, o “quarteirão” é testemunha de uma

realidade bem diferente. Desde o período de início da pesquisa (meados de Fevereiro) contabilizava-se um número reduzido de mulheres oriundas dos países de leste, mas durante o tempo de observação foi constatado que foi este o grupo que apresentou maiores oscilações.

Figura. 2 - Mulheres Imigrantes Oriundas dos Países de Leste

Meses	Número de Mulheres
Fevereiro	7
Março	11
Abril	14
Maiο	19
Junho	17
Julho	18

Esta evolução produziu o aumento dos conflitos e agitação policial. Quando o SEF (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras), o Governo Civil, a Administração Interna e Forças Policiais (segundo a verbalizações de mulheres) actuavam verificava-se que as mulheres não apareciam nas rua. Estas intervenções recaíam, especificamente, sobre as mulheres imigrantes oriundas dos países do leste, e ameaçavam directamente os proprietários das pensões que as acolhiam pondo em causa o encerramento das casas, no caso de continuarem a permitir a prostituição destas mulheres.

Apesar do contacto diário no período prescrito, o estabelecimento directo com as prostitutas “imigrantes” afigurou-se como um passo difícil de dar. Estas dificuldades eram impostas pela divergência da língua e controlo ao qual estavam submetidas.

Outra particularidade que merece ser referenciada é o facto destas mulheres permanecerem num território somente pelo período de seis meses (tempo provisório do visto em território nacional), após o término deste são deslocadas para Espanha. Outras retornam aos países de origem (visitar as famílias), regressando depois novamente ao território nacional. A rotatividade periódica é feita entre Portugal-Espanha-Roménia⁸.As informações recolhidas sobre estas “ligeiras” dinâmicas do fenómeno da prostituição imigrante provinha do diálogo com cerca de três a quatro jovens romenas, que em alguns momentos aproveitavam a presença da equipa de rua para falar um pouco das suas

⁸ Dado verbalizado pelas próprias mulheres. No entanto, não fica excluída a hipótese de serem obrigadas a prostituírem-se em outros países.

experiências. Destaque-se, contudo, que nunca denunciaram, ou sequer pronunciaram, o facto de serem controladas por uma rede de tráfico e nem de serem alvos de agressões ou ameaças. As condições contingentes que atingem a Roménia constituíam a principal justificação, nas suas verbalizações, para a deslocação para Portugal.

Foi possível deduzir, através dos seus diálogos, que mesmo coagidas estas mulheres tinham conhecimento de que se vinham prostituir. Esta situação foi, aliás, confessada à equipa de rua, sempre que uma mulher se despedia pronunciando ou que ia para Espanha, ou que ia regressar à Roménia.

As denúncias de uma rede de tráfico foram feitas pelos comerciantes (dado os inúmeros conflitos que ameaçavam os negócios) e pelas mulheres prostitutas “nacionais” (que receavam a “concorrência”). Acrescente-se, ainda, que diversas vezes foi comentada a presença de alguns indivíduos que se deslocavam ao “quarteirão” para lhes extorquir dinheiro, bem como a identificação de carros que as observavam.

“(…) Vem uma rapariga de carro com um senhor e eles obrigam as raparigas de leste a dar nem que seja os trocos que têm. E se não tiverem eles batem-lhes lá (...) Eu tou muito contra a polícia, que a polícia não repara nisso (...) até temos pena das cachopas.”

Lúcia

Por sua vez, as mulheres “africanas” são um grupo diminuto. Foi verbalizada a nacionalidade de pelo menos quatro mulheres (República Dominicana, Uganda, Moçambique e Libéria). Com as demais, por vezes, a comunicação não era estabelecida, pois apenas aceitavam a entrega dos preservativos.

O “TIPO” DE MULHER PROSTITUTA DO “QUARTEIRÃO”

Pode-se caracterizar as prostitutas do “quarteirão” como mulheres que, na sua generalidade, têm rostos amadurecidos pelo tempo, expressões carregadas, algumas com corpos cansados (pela forma como se deslocam), mas que discretamente deambulam pelo passeio. Mulheres simples, que desmistificam todas aquelas ideias pré-concebidas de prostitutas que utilizam a imagem desnudada para fazerem ofertas de sexo.

Apesar da idade das mulheres observadas ser variada, existia uma maior predominância para a faixa etária acima dos 40 anos. Enquanto aguardavam um cliente transportavam um “saco”, ou qualquer outro objecto (“talvez” para disfarçarem a prática).

Também, as mulheres imigrantes têm um perfil diversificado. As imigrantes de leste, na generalidade oriundas da Roménia, são mulheres jovens (13/20 anos), com tons de pele luminosa e jovial, olhos claros e estatura média.

As imigrantes africanas, embora em reduzido número, aparentam ter entre os 25 e os 35 anos. São mulheres robustas, altas, que preferem estar na rua sozinhas e que não mantêm muita relação com as demais prostitutas. As toxicodependentes, por sua vez, são as mulheres nacionais mais jovens. Representam casos de consumo assumido. Outras são meras suspeitas. São mulheres debilitadas, fracas, e magras. São, também, as que ressaltam pelo desleixe e uso de roupas menos cuidado.

Relativamente às estratégias de sedução estas são, também, divergentes. A roupa e a maquilhagem podem ser elementos fulcrais. As imigrantes são as que mais fazem uso destes dois elementos para angariar clientes. Roupas garridas, uso de transparências, calças justas, saias curtas, saltos altos, são as linhas extremas que revestem os seus corpos. Têm gosto pelo uso do *baton* vermelho e jogam com as cores do cabelo. Quando em grupo, constantemente abordavam os homens das formas mais diversas: desde o oferecimento directo (se queriam ir ao quarto); à insinuação através de gestos e sinais; aos risos direccionados e conversas preliminares, entre outras.

As imigrantes africanas, contudo, não partilham estas últimas estratégias. Regra geral, são mulheres reservadas, movendo-se apenas aquando de um gesto ou sinal para subirem à pensão. As “antigas”, por sua vez, exceptuando as mais jovens toxicodependentes, são na sua maioria discretas na forma de vestir e no uso da maquilhagem (“talvez” devido ao número de anos de prostituição). São mulheres pacíficas e respeitadas pelos comerciantes. Afirmam que não têm estratégias para atrair os homens, simplesmente aguardam o sinal de um potencial cliente.

“(…) Eu não seduzo nenhum homem! Ele sabe o que é que vai à procura.”

Patrícia

As “visitas” (prática de relações sexuais) envolvem dois tipos de situação. A finalidade é a mesma, o que difere é o tipo de relacionamento com o cliente. Por um lado, uma prática corrente das mulheres “antigas” é a ligação a clientes “certos ou fixos”. Normalmente são conhecimentos que têm por base uma relação continuada e com já alguns anos.

“(…) Eu não tenho só clientes, eu tenho amigos. Eu conheci pessoas que são minhas amigas, que num momento de aflição, eu conto com elas pra tudo (…)”

Filipa

A segunda situação prevê o estabelecimento de relações sexuais pagas com estranhos.

A duração das “visitas” depende da exigência e do preço que o homem estiver disposto a pagar, mas em média o valor mínimo é de 20/30 euros por 15/20 minutos. Deve notar-se, no entanto, que as mulheres imigrantes podem praticar preços mais reduzidos, aproximadamente 15 euros.

Foi observado que as prostitutas mais procuradas neste contexto são as mulheres mais jovens – toxicodependentes e imigrantes – o que conduziu ao enunciado de inúmeras dúvidas: Será pela diferença de preço? Idade? Porque são apontadas como as que cedem aos mais diversos desejos sexuais dos homens? Ou porque podem praticar relações sexuais sem preservativo?

“(…) Nesta vida não há dias certos! Tanto pudemos ter sorte hoje como não temos nenhuma e no outro dia temos a dobrar.”

Lúcia

É nas pensões públicas que se pratica a prostituição. À volta do “quarteirão” foram identificadas três pensões que permitem a prostituição no seu interior. Contudo, apenas uma delas aceita mulheres imigrantes.

As entradas na pensão processam-se discretamente, como um acto rotinizado: o homem ao longe faz sinal à mulher e, posteriormente, entra na pensão. Passados alguns momentos a mulher precede os seus passos. Com clientes desconhecidos o processo é diferente. O homem observa as várias mulheres e quando se decide por uma, dirige-se a ela e negocia o preço. Em regra deslocam-se os dois à pensão.

“Eu percebo quando o homem quer ir e quando não quer. Quando não quer a pessoa agarra e vira costas e não há muita conversa, agora, quando vê que aquela pessoa está mais...embora, que eu não sou muito de conversar. Quer, quer, não quer, não quer. E já tive mais paciência, agora não! Sabe que os anos também cansam, saturam. Ano a ano vai saturando...e são dezoito anos.”

Margarida

Por intermédio das conversas informais, apreendeu-se que a carência de recursos económicos é o principal motivo, enunciado pelas mulheres, para a prática da prostituição. Esta privação pode derivar de um conjunto bem distinto de situações e motivações, entre eles: a imigração/tráfico de mulheres (31 mulheres); a toxicod dependência (10 mulheres); a ruptura familiar e/ou conjugal (6 mulheres); e a situação socio-económica (6 mulheres). Esta última categoria abrange duas situações. Por um lado, engloba uma situação mais comum e visível que corresponde a todas as mulheres – e famílias correspondentes – que residem em condições de precariedade económica sendo, portanto, estas mulheres o suporte e sustento familiar (muitas vezes o único).

Por outro lado, encontram-se as mulheres que aparentemente não vivem em situação de exclusão económica (e pelo que foi verbalizado até possuem alguns bens: casas próprias, carros, TV cabo, dinheiro no banco, colocação dos filhos em colégios e faculdades particulares, etc), mas prostituem-se como forma de complemento adicional ao orçamento familiar. Trata-se, portanto, esta segunda situação, de uma estratégia que visa suportar os custos inerentes à posse desses próprios bens.

CONFIGURAÇÕES DAS RELAÇÕES DA PROSTITUTA

RELACIONAMENTO ENTRE AS MULHERES PROSTITUTAS

O olhar sobre o espaço onde se incluem as prostitutas possibilitou uma percepção das relações que mantêm com outras mulheres, com os comerciantes e com os proprietários das pensões, elementos que reforçam a rotina dos seus quotidianos.

Várias foram as situações presenciadas, não podendo, certamente, excluir os momentos de tensão visualizados no contexto da rua, precisamente entre as mulheres prostitutas, entre estas e residentes, como os mais incidentes.

As relações estabelecidas pelas mulheres assumem formas particulares. Estas conduzem as suas interações, comportamentos e até mesmo a definição da pertença a um grupo. No entanto, duas formas parecem mais unânimes: a *solidariedade* e o *conflito* (Afonso, 1984: 112-116). Estas duas situações retratam situações de conflito entre as mulheres, muitas vezes geradas pela necessidade de defesa dos seus clientes e espaço e, por outro lado, a indispensável união e protecção facultado pelo grupo à qual pertencem, face a situações mais difíceis vivenciadas na rua.

Para além da pertença a um grupo, as relações de solidariedade (relação que promove a união entre as prostitutas) foram as menos expressas ao longo da pesquisa. Primeiramente porque as mulheres falam com a equipa de rua individualmente. Aliás, foram raras às vezes em que várias mulheres se agruparam e dialogaram sobre as suas rotinas junto da equipa. Este facto é compressível se tivermos em consideração que o diálogo em grupo, tanto com os elementos da equipa, como entre as mulheres, pode exercer dúvida face à condição de prostituta e afastar os homens à procura de sexo pago.

Os laços de solidariedade foram ilustrados em determinadas circunstâncias, por exemplo, quando são agredidas no quarto, passagem de informações sobre os clientes a quem tinham “comercializado” o corpo, na hora das refeições. A cumplicidade pode, também, conduzir duas mulheres a praticarem relações sexuais com o mesmo homem – esta, no entanto, não é uma prática que foi comumente verbalizada, pois muitas afirmam que não cedem ao sexo em grupo.

Conflitos Existentes

Os conflitos observados no quotidiano das mulheres tomam diferentes formas e dependem das circunstâncias. Apesar do mais frequente ser o confronto verbal e, por vezes, físico entre as prostitutas “Portuguesas” e as “Romanas”, não se pode desconsiderar a existência de conflitos entre as mulheres “nacionais”. Entre as primeiras, o aumento do número das mulheres imigrantes dos “países de leste” e os comportamentos que estas tomam que conduzem a reclamações por parte dos comerciantes e residentes são os motivos principais para os desacatos. Entre as mulheres “nacionais”, o preço mais reduzido praticado pelas mais jovens justifica alguns dos conflitos presenciados.

As imigrantes de leste são acusadas do uso de estratégias “desleais” para cativar clientes: praticam preços mais baixos, mantêm relações sexuais sem contracepção (sem uso de preservativo) e não recusam determinados pedidos sexuais, nem clientes. Contudo, uma dúvida fica face a este conjunto de informação, pois apesar de ter sido constantemente verbalizado a questão da prática de relações sem a utilização do preservativo era este o grupo que despertava maior interesse masculino, se deslocava com mais regularidade aos quartos da pensão e à qual a equipa de rua distribuía maior quantidade de preservativos.

Apesar do confronto entre as mulheres nacionais e as internacionais, acrescente-se a existência de conflitos intergeracionais entre as primeiras. A idade pode constituir um elemento justificativo da redução da procura, por parte dos clientes. Quanto mais jovem a mulher for maior é o seu descrédito e afirmação na rua entre as prostitutas, mas é alvo de maior requisição entre os clientes. Outro factor de confronto é o uso de drogas. Face à ínfima presença de mulheres ligadas ao consumo de drogas na zona analisada, destaque-se que algumas mulheres manifestavam alguma repulsa sobre estas (“(...) *não vêm mais nada a não ser guita!*”). Por vezes, também é referenciado o facto de serem “alvos fáceis” para quem quer sexo sem preservativo e a preços mais reduzidos.

Através do diálogo foi possível constatar que as mulheres prostitutas têm uma espécie de “código de ética” e a sua violação pode conduzir à rejeição dentro do próprio grupo. Os pontos desse “regulamento” passam pela: proibição de uma prostituta se aproveitar do facto do cliente transportar bens ou dinheiro, realização de um preço justo (o que é praticado por todas as mulheres, pois a prática de um preço inferior constitui concorrência “desleal”); recusa de manterem relações sexuais sem preservativo (mesmo se a oferta monetária por parte dos clientes seja mais elevada), e, por último, ultrapassarem as fronteiras geográficas delimitadas entre as mulheres (troca de espaço de actuação, ou zonas dentro do mesmo espaço).

A transgressão de algum destes pontos poderá dar origem à expulsão da mulher “transgressora” na zona da prostituição. Outras questões de base concorrencial podem originar outro tipo de conflitos. É exemplo ter maior número de clientes, insinuação a um cliente “fixo” de uma outra mulher ou surgimento no espaço de prostitutas de outras zonas.

Linguagem

Existem designações que orientam as relações em certos meios sociais, demarcando limites face ao exterior. Estas tomam forma de *gíria* específica, que é transmitida e renovada ao longo das gerações. A *gíria* é, por conseguinte, um elemento caracterizador do mundo da prostituição.

Sugerem alguns autores que este código linguístico pode ser usado de forma comunicativa e indicativa (Costa e Alves, 2001: 107). Por um lado, possibilita comunicar a informação entre os indivíduos do grupo, sem que seja possível a decifração do teor do conteúdo aos restantes sujeitos. Por outro lado, pode funcionar como um indicador de identificação de um indivíduo a um grupo social determinado. Muitos termos desta *gíria* são consequentemente transformados em termos de *calão*. A distinção entre estes dois termos assenta, portanto, numa característica fundamental do *calão* “(...) o seu carácter misterioso, para ocultar ideias, como meio de defesa dos criminosos ou de um bando, pois os componentes desse agrupamentos têm a natural preocupação de não serem compreendidos pelos que não pertencem à sua comunidade.” (Costa e Alves, 2001: 110)

Ao observar o quotidiano das mulheres prostitutas, foi verificado que o código linguístico, não tomava forma de uma língua particular, mas sim o uso de expressões que se sobrepunham sobre a língua comum. Algumas palavras do entendimento comum eram perfuradas por outras, o que parecia distinguir os grupos no espaço. Torna-se uma tarefa difícil, enumerar uma lista abrangente destas expressões, uma vez que as mulheres na presença da equipa de rua, não faziam muito uso destes termos. No entanto, alguns foram decifrados em determinadas situações.

Algumas mulheres diariamente quando recebiam os preservativos e lamentavam a “*má sorte*”, referiam, quando era o caso, que ainda não se tinham “*estreado*”. Esta expressão é utilizada quando a mulher ainda não esteve com um cliente. No sentido oposto, isto é quando tinham praticado relações sexuais com um cliente, referiam-se ao homem como “*visita*”. Ora, “*visita*” é o nome que corresponde ao acto de ir ao quarto com um cliente. “Talvez” o termo “*visita*” provenha exactamente do facto de ser um acto regulado pelo relógio, rápido e rotineiro.

Por vezes, quando conversavam com a equipa e uma mulher passava com a finalidade de ir fazer uma “visita” não se deslocando, por isso, ao encontro da mesma, outras perguntavam em tom alto: “*Precisas de pirolitos?*”. O termo “*camisas*” é também frequente na substituição da palavra preservativo. O cliente era usualmente apelidado por “*cordeiro*”, ou “*cabrito*” o que em alguns casos fazia uma junção curiosa: “*Vou fazer uma visita. Tenho de ir esfolar o cordeiro*”. No caso dos clientes com quem mantêm uma relação sólida e estável, estes, na terminologia das mulheres, são denominados como “*amigos*”/“*amigos fixos*”.

Acrescente-se, por último, uma definição enunciada por uma das entrevistadas seleccionadas, à qual no desenrolar da entrevista foi questionado qual a diferença entre “*beijinhos*” e “*bóbo*” (sexo oral). Esta curiosidade provinha do facto de escutar constantemente, entre as mulheres que um tal cliente lhe ofereceu mais dinheiro para fazer um “*bóbo*”, e que não aceitou. Porém, pensava, na verdade, que os dois termos tinham o mesmo significado. Ao que Mariana respondeu: “*Beijinhos é no pénis, normal, sem ir até ao fim (...)*”(Mariana).

RELACIONAMENTO COM COMERCIANTES E RESIDENTES

As ruas do “quarteirão” constituem um espaço razoavelmente equipado a nível comercial. Este contexto é caracterizado pelo pequeno comércio que sobrevive e resiste às pressões da evolução. Aliás, este é um fenómeno ainda visível por toda a zona da Baixa-Lisboeta.

Trata-se de um espaço em que se destacam a predominância de cafés, restaurantes, pensões de pequenas dimensões, mercearias e pequenas lojas de artigos variados. A nível de equipamento públicos encontra-se equipada pelo metro, eléctrico, paragem de táxis e autocarros para várias zonas circundantes. É uma zona de fácil acesso, embora umas das ruas do “quarteirão” seja interdita à circulação de veículos.

A prostituição nestas ruas encontra-se integrada e parece recheiar os comerciantes de alguns benefícios. No entanto, estes parecem divididos em dois pólos desiguais, um que beneficia com prática da prostituição (cafés, restaurantes, pensões); outros que se mantêm à margem, mas que não ignoraram esta prática (diversas lojas de artigos variados). Esta classificação resulta no confronto entre

os valores e normas que envolvem diferentes sentimentos nos agentes das ruas do “quarteirão”. Estes sentimentos geram conseqüentemente tensões e conflitos. Neste sentido, os comerciantes do pequeno comércio impõem determinadas limitações às mulheres prostitutas. Caso contrário ameaçam chamar os agentes policiais. É, então, imposto que as mulheres não actuem em frente às montras e às portas das lojas. É, também, pedido que não usem roupas “escandalosas e provocatórias” e que respeitem as ruas com o uso de linguagem em tom baixo e que não provoquem conflitos.

Os cafés e restaurantes estão regularmente compostos. Verificou-se, também, que alguns comerciantes auxiliam as mulheres através da oferta de certos produtos alimentares (nomeadamente mercearia) e pela facilitação no pagamento (podendo liquidar a conta no final de cada mês). Com os habitantes é mais complicado definir o tipo de relação estabelecida, pois o “quarteirão” é um espaço bastante permeável às entradas e saídas de todos os que por ali passam. É um espaço com grande movimentação, que pelo facto de se localizar nos bastidores do Rossio e da Baixa permite a prática de certas actividades que são cobertas pelos “muros elevados” que a circunda. Importa ainda mencionar que não foi possível apurar quem são, claramente, os residentes precisamente por ser um espaço onde existe um grande afluxo de indivíduos.

RELACIONAMENTO COM A DA EQUIPA DE RUA

A equipa era constituída por técnicos com formações diversas e tinha como função primordial a distribuição de preservativos, informação a nível social, médico e jurídico. Esta era formada por três elementos, sendo que um deles tinha formação em Filosofia, Teologia e pós-graduação em Orientação Familiar, e em Serviço Social.

Quando foi iniciada a pesquisa no terreno foi constatado que entre os técnicos da equipa e as prostitutas existia uma relação consistente, baseada no diálogo. Face à Instituição as mulheres têm a opção de integrarem nas actividades disponibilizadas ou simplesmente fazer uso dos apoios que esta oferece. Em troca nada lhes é pedido ou exigido.

Da parte das mulheres que integram a Instituição foi constatada a satisfação e reconhecimento pelo trabalho desempenhado. Esta motivação

provoca repercussões multiplicadoras que aumenta a credibilidade do projecto da Obra Social no contexto de rua. Esta era traduzida através de comentários por parte das mulheres com as demais prostitutas, a aprendizagem e benefícios que a instituição proporciona. Com as outras mulheres verificou-se que apesar de não se desejarem envolver com a instituição, reconhecem o trabalho que realizam e mantêm uma relação razoável com os técnicos. Para além disso, várias são as que pedem informações a fim de poderem usufruir de apoios na instituição. O benefício mais solicitado foi o médico (realização de exames). Em relação aos outros pedidos, é possível afirmar que normalmente são efectuados pelas mulheres que integram nas actividades.

Durante o período de observação todo o trabalho da equipa foi acompanhado. Ao investigador nada foi interdito. No entanto, alertaram-no para o facto, que sendo apresentado como técnico seria corrente solicitação por parte das mulheres de informações sobre algumas questões. Quando esse tipo de ocorrências sucedia, de forma perspicaz, deveria passar as mulheres para os elementos da equipa. Em certas ocasiões as prostitutas dirigiam-se ou pediam para falar com um dos elementos, o que potenciava o risco da interferência do investigador no desempenho das equipas de rua. Contudo, todas as situações foram devidamente geridas, pois esse não era o seu papel e houve especial atenção para não colocar em risco a intervenção da equipa.

Das conversas escutadas, foi registado no diário de campo, algumas informações consideradas relevantes e que revelam o carácter dos apoios que estas mulheres mais procuram nas instituições.

Figura. 3 – Pedidos Realizados

Pedidos	Número de Mulheres
RSI	3
Apoio psicológico	2
Apoio jurídico	5
CAT	1
Total	11

Figura. 4 – Encaminhamentos realizados

Encaminhamentos	Número de Mulheres
CAOMIO	3
GAM	3
Espaço Pessoa ⁹	1
Drop-In ¹⁰	8
Curso de Formação Profissional	3
Total	18

Face aos encaminhamentos realizados contabilizaram-se cerca de 18, no período em que decorreu a observação. Ressaltam os encaminhamentos na área da saúde (rastreios de DST's, consultas de ginecologia, clínica geral). É de salientar que foram, também, realizados encaminhamentos para as valências da Obra Social das Irmãs Oblatas, nomeadamente para o CAOMIO e GAM, para futura integração nos projectos no mês de Setembro de 2004. Foi, também, estabelecido um contacto para a integração de uma mulher no projecto “Espaço Pessoa” situado na cidade de Porto, cidade onde esta reside,stituindo-se em Lisboa semanalmente todas as terças e quartas-feiras.

Deve referir-se, ainda, a realização de três encaminhamentos para cursos de formação profissional (pelo menos um foi destinado à filha de uma mulher prostituta).

A equipa de rua geralmente contactava em média com 40/50 mulheres por mês. Este número corresponde à variação que ocorre entre a prostituição “casual” e a “permanente”, o que justifica o diferente valor face à média diária de contactos (aproximadamente 20/25).

Figura. 5 – Mulheres Contactadas pelas Equipas de Rua

Meses	Número de Mulheres
Fevereiro	43
Março	39
Abril	49
Maiο	46
Junho	46
Julho	43

⁹ Instituição de Solidariedade Sócia localizada no Porto.

¹⁰ Centro de aconselhamento do Ministério da Saúde.

O número de contactos estabelecidos é relativamente regular, sendo o mês de Abril aquele que revela maior número de mulheres abordadas. “Talvez” um factor relevante, susceptível de influência neste valor, tenha sido o facto de ser um mês festivo (Páscoa), pois representa uma data que implica maior necessidade de dinheiro. Perante tal afirmação pode-se, certamente, acrescentar que uma das questões que constituía a matriz de análise de observação era, precisamente, a variação das mulheres na rua – potenciais elementos que podem influenciar o período de actuação. Neste sentido, se bem que possa haver mais mulheres na rua nos finais de cada mês, o carácter do mês tem maior peso, do que o seu cessar. Por outras palavras, os meses festivos, as condições meteorológicas (bom tempo), as estações do ano Verão-Primavera foram os que apresentam mais mulheres a praticar a prostituição.

Quanto ao número de clientes, acrescente-se que esta visão não é tão linear, pois a frase mais constante no diálogo estabelecido era a diminuição da procura das prostitutas.

Face ao número de preservativos distribuídos a figura gráfica representa a procura da entrega por parte da equipa de rua.

Figura. 6 – Número de Preservativos Distribuídos

Meses	Número de Mulheres
Março	1148
Abril	1403
Maiο	1617
Junho	2314
Julho	1252

Em média era distribuído um conjunto de seis preservativos a cada mulher durante a semana. No dia precedente ao fim-de-semana a distribuição era normalmente a dobrar (12 preservativos). Contudo, foi observado que este número era flexível e que em certas circunstâncias as mulheres pediam mais do que supostamente lhes era distribuído.

As mulheres que mais preservativos pediram foram as imigrantes, tanto as provenientes dos países de leste como as “africanas”, facto também traduzido pela movimentação e procura das mulheres na Praça da Figueira. Face a este argumento fica, portanto, a dúvida se estas realmente praticam ou não sexo sem

preservativo, episódio que foi narrado inúmeras vezes, e que já foi mencionado anteriormente.

CHULOS E PROXENETAS

Vários são os agentes que se distribuem e operam nas vivências do quotidiano que retratam um contexto de prostituição. Foi falado de mulheres prostitutas, foi falado dos residentes, comerciantes e da relação com a equipa de rua. Cabe, então, de seguida, falar de mais dois agentes que actuam no campo de acção desta análise: os proxenetas e os clientes. Os primeiros são os que exploram a prostituta, os segundos são os que fazem da prostituição uma troca de favores sexuais, pois sem clientes a prostituição não faria qualquer sentido.

Segundo alguns autores o que distingue um proxeneta de um chulo é, precisamente, o carácter afectivo e relacional que a mulher estabelece com este último (Costa e Alves, 2001). O chulo (tal como o proxeneta) sofreu uma mudança considerável ao longo dos tempos na consubstanciação da sua identidade. É justamente esta consciência capitalista que altera os padrões de comportamento, os costumes rotineiros, as suas formas de viver o quotidiano. É no virar do século XIX para o século XX o “marido complacente e guarda-costas para ocasiões críticas”, dá lugar ao intencional explorador, vivendo à custa das mulheres, sobre uma alegada protecção e segurança (Pais, 1985: 77).

A definição do conceito de proxeneta é discutível. Vejamos. Costa e Alves definem como “(...) todo aquele que organiza ou de alguma maneira tira proveito da prostituição de outra pessoa” (Costa e Alves, 2001: 191), mas o que distingue claramente o proxeneta do chulo é o facto deste último ter uma relação pessoal com individuo que se prostitui. A par disso, Alexandra Oliveira apresenta o proxeneta como aquele que explora a prostituição. Na sua terminologia não existe diferença entre proxeneta e chulo, pois este segundo é uma expressão, tal como azeiteiro, utilizada no calão. No entanto, a autora sublinha a existência de diferentes tipos de relacionamento entre o eventual explorador e a mulher, muitas vezes suportada pela componente afectiva. Assim, os proxenetas podem ser namorados, maridos, protectores, gerentes de casas de prostituição, entre outras figuras (Oliveira, 2002: 93-95).

Do observado constatou-se que a maioria das mulheres é “independente” na prática da prostituição de rua, não havendo muitas figuras masculinas presentes no espaço que controlem as suas práticas. No entanto, mediante as suas verbalizações podemos referir três elementos fundamentais na compreensão da prática da prostituição neste contexto: maior parte das mulheres possui um companheiro/marido que tem conhecimento da prática da prostituição, são pressionadas no acto do pagamento do quarto (local para onde se desloca com o cliente) e estabelecem um tempo inflexível para a “visita” com o cliente.

Ora, tais formas são evidências de exploração. Os proprietários das pensões são frequentemente referidos como indivíduos que têm autorização e autonomia para interferir em casos em que seja evidente a agressão no quarto. Desta forma, fica a ideia de que desempenham uma espécie de protecção. Por outro lado, muitas mulheres referiam que os companheiros eram homens desempregados, alguns doentes, e a prostituição era a forma de sobrevivência adoptada.

No “quarteirão” contactou-se com três homens que podem ser enquadrados na análise ao proxenetismo. No entanto, importa referir que o facto do chulo não estar presente na rua não refuta a sua presença ou influência sobre a mulher.

André é um homem que aparenta ser jovem (25/30 anos), tem fraca figura e é debilitado fisicamente. Em conjunto com a sua companheira Susana, tomam actualmente metadona todas as tardes no Cais do Sodré. Algumas dúvidas, durante o tempo de pesquisa, ficaram sobre o consumo em paralelo com drogas, pois certos comportamentos revelavam acções um pouco contraditórias.

Susana é uma mulher que tem presente marcas visíveis dos anos de consumo. Os seus cabelos longos e o uso de camisolas compridas escondem as feridas não saradas nos braços e no resto do corpo. É jovem (26 anos), ex-toxicodependente, natural de Nazaré, e deixou incompleto o primeiro ano de faculdade para se dedicar ao cabeleireiro, actividade que ainda lhe valeu três diplomas. Em várias conversas, verbalizou ter uma boa relação com o companheiro, que se apoiam mutuamente e que ele quer tirá-la da rua. Verbalizou que este nunca a agrediu e que não permitiria tal situação. Fez, por várias vezes, a referência à intenção de André querer arranjar trabalho. Contudo, referia que a sua debilitação física constituía um obstáculo no mercado de trabalho, e o facto de

consumir metadona ser, também, um elemento que não permite uma flexibilização moldável a determinados horários laborais.

Durante o tempo de pesquisa foi observado que André normalmente se sentava no muro do metro, mesmo em frente à esquina onde Susana actua. Nessa mesma esquina situa-se, ainda, a pensão que Susana frequenta. Face à equipa de rua não fazia qualquer resistência e não foram observados actos de coação sobre Susana.

João é o companheiro de Maria. Aparenta aproximadamente 45 anos. É um homem educado, com aparência cuidada e permeável ao trabalho da equipa de rua. Com o responsável da equipa – António de Deus – mantém uma relação mais estável e consolidada do que com o restantes elementos (“talvez” pela aproximação de idades).

A sua presença nas ruas não é tão frequente, sendo muitas vezes perceptível que, quando se encontrava no “quarteirão”, conversava com os amigos no café, em frente às arcadas que abrigam Maria, ou só aparecia quando a ia buscar por volta as oito e meia da noite. Por vezes, era, também, visível a sua permanência junto da mulher, de Mafalda, de Lúcia e de duas africanas que compunham o grupo.

Foi apurado que tem relativa facilidade em encontrar trabalho, nomeadamente de iluminação e de montagem de espectáculos. Afirmou ao António de Deus e que não gosta de ver a mulher a prostituir-se, e que ela está na rua por sua opção e não porque ele a obriga ou a incentiva.

José é o companheiro de Alexandra. Aparenta cerca de 40 anos. É robusto, e o desleixe é um factor constante na sua indumentária. Recentemente começou a tomar metadona, em conjunto com Alexandra, mas iniciou um outro vício paralelo, o alcoolismo. Alexandra é exemplo de uma mulher prostituta oprimida e vítima de agressões por parte do companheiro. Estas são praticadas tanto em casa como em público, na rua.

A relação de José com a equipa é desequilibrada e inconstante. Depende do seu estado emocional ou da alteração que o álcool lhe provoca. Vezes houve em que proibia Alexandra de falar com a equipa e o motivo apontado era o facto de ter assistentes sociais que podiam retirar a guarda do seu pequeno filho. David é uma criança de três anos que está constantemente no “quarteirão” junto da mãe

e do pai. Quando Alexandra atende um cliente a criança aguarda pela mãe no café habitual ao lado do pai muitas vezes alcoolizado.

José exerce grande pressão sobre a quantidade de clientes que Alexandra satisfaz, controlando quando vai ao quarto, a duração da “visita”, e quando fala com a equipa. No momento em que regressa à rua, Alexandra afirma que lhe dá o dinheiro todo e que ele, frequentemente, delapida-o em bebida.

Esta mulher prostituta tentou, por várias vezes, falar com a equipa, umas em que pedia ajuda, outras em que dizia que a situação já estava normalizada e que não desejava abandonar José. Esta atitude é, possivelmente, reflexo de uma instabilidade emocional e de pressão psicológica, conduziu à inutilidade da ajuda que a equipa podia prestar. Afirma-se como violentada, mas que não quer seguir em frente sem ele.

Figura. 3 - Os Chulos do “Quarteirão”

Chulos	Localização no Espaço	Regularidade na Rua	Dependências	Trabalho	Número de Filhos	Sinais de Maus Tratos
<i>André</i>	Metro	Regular	(ex)Toxicodependente			
<i>João</i>	Café	Irregular		Electricista/ Iluminação	2	
<i>José</i>	Café	Regular	Ex-Toxicodependente / Alcoolismo		1	Violência Física e Psicológica

UMA VISÃO SOBRE OS CLIENTES

Por fim, outra variável de análise a considerar no estudo foi a observação dos clientes do “quarteirão”. Foi visível a grande difusão de homens de etnias variadas (grande predominância de indianos, indivíduos de raça negra, etc). Os clientes apresentam um leque variado de idade.

Estando o observador inserido num contexto de prostituição, é difícil realizar uma descrição fidedigna, aproximada da verdadeira realidade dos homens. Logo, é compreensível que não podia observar incessantemente e directamente determinadas situações entre os homens e as mulheres.

Retomando a classificação dos clientes (clientes habituais e clientes ocasionais), poder-se-á mencionar que os habituais são os preferenciais de grande parte das mulheres, nomeadamente das que apresentam uma faixa etária mais

elevada. São homens que as acompanham há já algum tempo e por quem expressam sentimentos de carinho e amizade. Estes dois sentimentos foram, frequentemente, referenciados no contexto da prostituição de rua no “quarteirão”.

Mais do que praticar sexo pago, as mulheres afirmam que mantém laços de amizade com os clientes “fixos” e que estes em variadas situações as ajudam. Esta relação pode, em vários casos, ultrapassar o quarto, pois foi observado frequentemente mulheres a conversarem nos cafés com os clientes. Estes clientes habituais passaram a ser familiares para o observador. Alguns, inclusivamente, foram lhe apresentado. Os seus rostos eram visíveis uma a duas vezes por mês.

Por sua vez, os clientes ocasionais são aqueles apontados como os que gostam de variar a mulher a quem pagam a prática de relações sexuais. Estes são os mais perceptíveis no contexto de rua e que optam geralmente pelas mulheres mais jovens. Destaque-se, que são estas que mais “visitas” fazem diariamente. Facto que distingue esta distinção é, ainda, o preço pago às mulheres: uns buscam as relações por baixo preço, outros preferencialmente procuram carinho e diálogo.

É, pois, tarefa difícil definir a caracterização socio-económica dos clientes das mulheres, pois esta não se deve apoiar em meras aparências e impressões, mas numa visão geral sobre os homens que se avistavam pelas ruas, poder-se-á referir que aparentemente incluem-se em níveis culturais distintos não só pela forma como abordam as mulheres, como pela variedade de etnias que preenchem as ruas e a apresentação e indumentária.

Segundo as mulheres, são homens casados e com situações económicas estáveis.

“(…) Eu tenho várias situações de homens de alta sociedade, casados, bancários, advogados, médicos (de altos níveis), onde eles vêm ter com mulheres da rua para fazerem outro tipo de sexo. (...) Não querem o sexo vaginal, onde eles trazem artigos deles, mesmo que eles comprem (...) Eles dizem que sexo vaginal têm em casa.”

Lúcia

Das conversas estabelecidas com as mulheres apreendeu-se, ainda, a insatisfação e constante lamentação face à diminuição da procura de prostitutas de rua. Algumas atribuíram esta situação ao facto de existirem cada vez mais meios e contextos prostitucionais, conduzindo um homem à busca de sensações novas e diferentes. As formas de prostituição foram alteradas, os preços diminuíram e actualmente é possível recorrer a casas privadas quase pelo mesmo valor da

prostituição de rua. Este facto conduz a que o cliente prefira a descrição e ocultação numa casa privada.

Quanto à recusa de clientes esta assenta usualmente na avaliação da apresentação e na sua forma de abordagem. Alguns são os elementos apontados como depreciativos no contacto entre prostituta-cliente como, por exemplo, a suspeita de problemas de saúde, falta de higiene, questões étnicas, entre outros. No pólo inverso, surgem clientes apontados como preferenciais.

“(…) Se uma pessoa quer trabalhar tem se de sujeitar a muita coisa (…) Para mim os homens negros são os homens melhores de fazer que os brancos (…) O preto vai, sabe que é pra ter uma relação, enfia logo a camisinha, vem pra cima de nós e está despachadinho, não nos massacra (…)”

Mafalda

A preferência por casas privadas é, também, justificada pelas verbalizações das mulheres como escolha preferencial dos homens que possuem situações económicas mais abastadas, pois ao terem mais capital preferem recorrer a outro tipo de mulheres, práticas e exigências sexuais.

Acrescente-se, porém, que os pedidos sexuais foram, também, referidos como alvo de transmutações extremas devido à profusão da pornografia e episódios sexuais e eróticos, cada vez mais, difundidos pelos meios de comunicação (televisão principalmente). O aumento de desejo pelo diferente e inacessível por parte do cliente implica nas mulheres reajustamentos na racionalização das suas estratégias, reforçando as suas perspectivas de sobrevivência num mercado (sexual) tão ambíguo e imprevisível, mas o único onde crêem ser possível sobreviver.

BIBLIOGRAFIA

- AFONSO, M., G., G. (1984), *Estudo de Casos – Prostituição e Espaço Social: o Caso do Intendente*, Lisboa, Cadernos de comunicação e Linguagens (4).
- ALMEIDA, J., F., PINTO, J., M. (1975), *A Investigação nas Ciências Sociais*, Lisboa, Editorial Presença.
- BERGER, P., LUCKMANN, T. (1999), *A Construção Social da Realidade*, Lisboa, Dinalivro.
- BURGUESS, R., G. (2001), *A Pesquisa de Terreno – Uma Introdução*, Oeiras, Celta Editora.
- CASTRO, J., L. (1997), *Socialização das Crianças de Rua e Lógicas de Intervenção das Redes de Suporte Social*, Lisboa, Centro de Estudos Judiciários.
- CÂNCIO, Francisco (1962), *Lisboa no Tempo do Passeio Público – Volume I*, Instituto de Coimbra e do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia.
- COSTA, A., F. (1986), “A Pesquisa de Terreno em Sociologia”, in Augusto Silva e Madureira Pinto (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais*, Capítulo V, Lisboa, Edições Afrontamento.
- COSTA, J., B., ALVES, L., B. (2001), *Prostituição 2001 – O Masculino e o Feminino de Rua*, Lisboa, Edições Colibri.
- CRUZ, Francisco Inácio Santos (1984), *Da Prostituição na Cidade de Lisboa (1841)*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- GUASCH, Óscar (1997), *Cuadernos Metodológicos: Observación Participante*, Núm. 20, Madrid, CIS – Centro de Investigaciones Sociológicas.
- LEMONS, A., TOVAR (1948), *O Serviço de Inspeção de Toleradas no Ano de 1947*, Lisboa, Direcção Geral de Saúde – Dispensário de Higiene Social.
- MANITA, C., OLIVEIRA, A. (2002), *Estudo de Caracterização da Prostituição da Rua no Porto e Matosinhos*, Porto, Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres / Presidência do Conselho de Ministros.
- SANTOS, Joana Correia dos (2004), *Mulheres de Todos...Mulheres de Ninguém – O Submundo da Prostituição Feminina em Contexto de Rua*, dissertação de licenciatura em Sociologia, Lisboa, ISCTE.

- SANTOS, Joana Correia dos (2005), “A prostituição na Cidade de Lisboa”, in *Quem levou o meu Ser? – Mulheres de Rua*, Lisboa, CML/ Divisão de Imprensa Municipal.
- SEBASTIÃO, João (1998), *Crianças da Rua – Modos de Vida Marginais na Cidade de Lisboa*, Lisboa, Celta Editora.
- SILVA, M., C. (1998), “Prostituição Feminina: Uma Primeira Abordagem para uma Pesquisa”, in *Cadernos do Noroeste*, vol. XII (1).
- SPRADLEY, J., P. (1980), *Participant Observation*, United States of America.
- OLIVEIRA, Alexandra (2004), *As Vendedoras de Ilusões – Estudo sobre Prostituição, Alterne e Striptease*, Lisboa, Editorial Notícias.
- PAIS, J., M. (1985), *A Prostituição e a Lisboa Boémia do Século XIX aos Inícios do Século XX*, Lisboa, Editorial Quercus.
- PAIS, J., M. (2002), *Sociologia da Vida Quotidiana. Teorias, Métodos e Estudos de Caso*, Lisboa, Imprensa Da Ciências Sociais.
- PERETZ, Henri (2000), *Métodos em Sociologia*, Lisboa, Temas e Debates.